



Presidência da República
Casa Civil
Secretaria de Administração
Diretoria de Gestão de Pessoas
Coordenação – Geral de Documentação e Informação
Coordenação de Biblioteca



BIBLIOTECA DA

PRESIDÊNCIA

DA REPÚBLICA

9. FÔRÇAS ARMADAS

SAO PAULO, 22 DE OUTUBRO DE 1965.

NA «FAZENDA DA VITÓRIA», APÓS ASSISTIR A PARTE FINAL DAS MANOBRAS DO II EXÉRCITO.

Eu sou muito agradecido ao convite para assistir à parte final da principal Manobra do II Exército. O seu Comandante, General Amaury Kruel, secundado pelo Ministro da Guerra, General Costa e Silva, não trouxe para aqui uma presença formal. Proporcionou-me, ao contrário, uma oportunidade para que o Comandante Supremo das Forças Armadas possa, num meio essencialmente militar, bem avaliar o grau de eficiência de nossos meios armados.

Aqui encontro um índice pelo qual não é difícil julgar-se o adestramento dos demais elementos das Três Forças. Estou sempre a par dos grandes esforços dos três ministros militares e de seus Estados-Maiores para conseguirem treinamento normal e adequado de todas as suas Organizações de combate e de logística.

Vi, hoje, uma grande unidade terrestre, desdobrada no terreno, operar numa ação de guerra. Um quadro profissional se apresentou com apreciável desenvolvimento de instrução, nos setores dos oficiais, graduados e soldados. O General Amaury Kruel deve considerar, como melhor recompensa de sua atividade militar atual, o marcante rendimento da manobra que agora termina. Se a finalidade básica do II Exército, em tempo de paz, é formar unidades de combate, ele deve considerá-la eficientemente preenchida.

O General Alvaro Braga, principal executante de suas diretrizes, expressa muito bem o espírito dominante no II Exército — o devotamento à profissão e à destinação das Forças Armadas.

As distorções militares e a impropriedade de visão de alguns civis, ou a deformação criada pelo interesse pessoal, criam a figura do líder militar, uma espécie de orientador ou responsável por atividades extraprofissionais. Sem dúvida, líderes existem em todos os setores do País. Mas o que é dominante numa Fôrça Armada é a Chefia, aquela que emana de fundamentos e normas profissionais, que assenta em conhecimentos da doutrina, na resistência física, na compreensão das aspirações dos subordinados, ou melhor, numa autoridade antes de tudo profissional. O líder, que não se adapta integralmente a essas características, não é Comandante, nem condutor de militares, e sim um diletante fardado, às vêzes instrumento ocasional de ambições da politicagem. Na verdade, é um falso líder.

Três chefes militares estão conosco nesta reunião como expressão exemplar daquelas características e de verdadeira chefia: o General Costa e Silva, Comandante do Exército Nacional, o General Amaury Krueel, Comandante do II Exército, e o General Álvaro Braga, Comandante da II Divisão de Infantaria.

O General Costa e Silva, na veemência do seu discurso, me citou. Só por isso, eu vou me dirigir a êle, pois esta festa é do II Exército. Num gesto de muito aprêço ao seu chefe, disse que eu o desculpasse caso tivesse extravasado por demais nas suas expressões.

Tenho a dizer a Sua Excelência que não fui desrespeitado. Por que? Porque eu sou o Chefe de um dos Podêres da República e, no exercício das minhas funções, guardo a dignidade do meu pôsto, o respeito aos outros dois Podêres, às Fôrças Armadas e aos setôres civis do Brasil.